

O futuro é já!



CENTRO DE INOVAÇÃO DO COMÉRCIO DE LONDRINA

Projeto da Administração se une a governo, setor empresarial e sociedade civil organizada para implementar o Centro de Inovação do

Comércio de Londrina e apoiar empreendedores locais com pesquisas, treinamentos e orientações. *Pág. 3*



Trabalhar é preciso?

Valorizado desde a Antiguidade, associado à dignidade e ao sucesso pessoal, e criticado como forma de opressão, o trabalho tem historicamente enfrentado movimentos de resistência, de utopias maravilhosas a comportamentos mais radicais. É o foco de um projeto do Departamento de Psicologia Social e Institucional.

O fantástico e o maravilhoso no Surrealismo

MARTA DANTAS *

Há no Surrealismo a aceitação incondicional do homem como eterno sonhador e a imaginação como sua principal faculdade (Breton, 2001). A concepção de imaginação dos surrealistas não se limita a rerepresentar o que chamamos de real; ela é, sobretudo, imaginação criadora, fonte de novas possibilidades voltada para o por vir. Os surrealistas buscavam transformar a vida, mudar o mundo e a busca pelo maravilhoso era parte importante desse processo.

Mas, afinal, o que é o maravilhoso para os surrealistas? Embora o termo “maravilhoso” esteja presente em vários textos, de naturezas diversas, de autoria dos surrealistas, na maioria das vezes, ele é vago; ora equivale ao fantástico, ora à poesia, ora à surrealidade. Embora André Breton não tenha definido e nem teorizado sobre o maravilhoso, segundo ele, o maravilhoso varia de época para época e participa, misteriosamente, de uma espécie de revelação geral de que só nos chegamos os pormenores: as ruínas românticas, o manequim moderno ou qualquer outro símbolo apto a mexer com a sensibilidade humana por algum tempo. Ele reconhece que o maravilhoso se manifesta, diferentemente, nas histórias mitológicas, nos contos de fada, nas criações românticas, nos romances góticos, porque correspondem a épocas diferentes, mas em todas elas encontramos a presença irremediável da inquietação humana. (Breton, 2001)

Ainda que os termos “fantástico” e “maravilhoso” sejam apresentados pelos surrealistas ora como opostos, ora como coincidentes, o que é certo é os surrealistas se opõem ao fantástico enquanto efeito fictício e, portanto, literário. Essa oposição deve ser compreendida a partir da negação da realidade como algo dado e externo ao homem e, portanto, como uma crítica ao positivismo do século XIX. O homem, para o Surrealismo é, ele mesmo, “uma fronteira consciente entre esses dois mundos: aquele exterior e limitado e aquele interior, múltiplo e ilimitado” (Dantas, 2017).

O maravilhoso é a possibilidade de contato entre esses dois mundos. O fantástico da ordem da ficção, é para Breton, sem consequências enquanto o maravilhoso se situa no extremo oposto, é uma questão ontológica e a sua revelação nos faz compreender a vida como surrealidade, ou seja, a vida como repleta de eventos surpreendentes e insólitos porque neles estão abolidas as oposições entre real e imaginário, consciente e inconsciente, subjetividade e objetividade. Evidentemente, a concepção surrealista acerca do maravilhoso está relacionada a um novo paradigma: a descoberta do inconsciente por Freud.

Tzvetan Todorov, com sua obra *Introdução à literatura fantástica* (1980), teve o mérito de chamar a atenção dos estudiosos para a literatura de modalidade fantástica. Para ele, “a expressão ‘literatura fantástica’ se refere a uma variedade da literatura ou, como se diz normalmente, a um “gênero literário” que traz à baila seres imaginários (vampiros, diabos, entre outros) e eventos impossíveis de serem explicados pelas leis que nos são familiares e que geram a incerteza: é real ou imaginário? realidade ou sonho? verdade ou ilusão? Para ele, o fantástico não dura mais do que um momento de dúvida, de vacilação comum ao leitor e ao personagem, diante do que é ou não “realidade”. Ao final da história, a opção (do leitor ou do personagem) diante da dúvida desemboca em duas possibilidades. Se decidir que as leis da realidade ficam intactas e permitem explicar os fenômenos descritos, dizemos que a obra pertence a outro gênero: o estranho. Se, pelo contrário, decide que é



Quadro do artista canadense Rob Gonsalves (1959-2017) é exemplo de pintura de realismo fantástico

necessário admitir novas leis da natureza mediante as quais o fenômeno pode ser explicado, entramos no gênero do maravilhoso. (Todorov, 1980). Para Todorov, o maravilhoso é uma estratégia literária caracterizada pela ausência de surpresa diante de acontecimentos insólitos e sobrenaturais, como ocorre nos contos de fadas, todavia, os contos de fadas é uma das variedades do maravilhoso na taxionomia todoroviana. Todorov admite que o maravilhoso supera um estudo que pretende ser literário, como o dele, uma vez que ele é também um fenômeno antropológico.

Não por acaso, do grupo surrealista, Pierre Mabille e Michel Leiris foram os que mais se dedicaram a reflexão acerca do maravilhoso. Mabille transitava entre a medicina, a antropologia e a poesia. Leiris, entre a etnografia e a literatura. Para Mabille (2002), o maravilhoso está entre as coisas, entre os seres, nos espaços onde nossos sentidos não o percebem diretamente, onde transformações são elaboradas e exprime a necessidade humana de ultrapassar limites do tempo, do espaço. Para Leiris (apud Collani, 2007), cabe à imaginação encontrar o maravilhoso, não importa onde, uma vez que ele seria, sempre, uma projeção do mundo interior do homem. O que distingue o maravilhoso dos surrealistas do maravilhoso todoroviano é o fato dele não ser um recurso literário, mas em evento imanente à vida, ao próprio homem e que não se opõe ao “mundo real”.

Ir ao encontro do maravilhoso implicava na flânerie pela cidade, nos passeios pelo mercado de pulgas, na busca pelo grande amor. Mas a aventura dos surrealistas em busca do maravilhoso foi muito mais longe: nos processos de criação da arte naïf e da arte bruta; nas experiências com o sonambulismo, com a escrita e com o desenho automático e com técnicas artísticas como a colagem e a frottage. Podemos dizer que o ponto comum entre todas essas atividades é que todas elas implicam na perturbação da causalidade lógica, na manifestação do desejo inconsciente e na projeção da imaginação.

Mas, afinal, o que é o maravilhoso para os surrealistas? Um evento fortuito, surpreendente, fugaz intimamente ligado à inquietação humana, que provoca o espanto; ele é o inefável. Nas palavras de Mabille (1946), é o magma flamejante pulsando no centro da revolta, é a tensão extrema do ser no momento do encontro do

desejo inconsciente com a realidade exterior.

Cem anos depois da publicação do Manifesto do Surrealismo, de 1924, o terrível diagnóstico apresentado por André Breton se mantém atual: o homem, esse sonhador definitivo, passa em revista suas conquistas, se encontra cada dia mais descontente com seu destino e, se alguma lucidez lhe resta, ele deve voltar-se para sua própria infância. Voltar-se para sua própria infância é se surpreender com o maravilhoso, é dar asas à imaginação e assim, impulsionar a transformação da realidade opaca, opressora e deprimente num mundo reencantado.

REFERÊNCIAS:

BRETON, André (2001). *Manifestos do Surrealismo*. Sergio Pachá (Trad.). Rio de Janeiro: Nau Editora.

COLLANI, Tania (2007). “Le merveilleux surréaliste de Michel Leiris et la conciliation avec la modernité”. In: *Revue Cahiers Leiris* n.2. Mercourt: Editions Les Cahiers, novembre. p.22-37.

DANTAS, Marta (2017). “O castelo de André Breton: o fantástico e o maravilhoso no surrealismo”. In: *Revista Abusões*, n.05 v. 05, p. 282-313.

MABILLE, Pierre (1946). *Le Merveilleux*. Paris: Les Éditions des Quatre Vents.

TODOROV, Tzvetan (1980). *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva.

* Docente do Departamento de Arte Visual (CECA) e do Programa de Pós-Graduação em Letras; coordenadora do projeto de pesquisa “O fantástico e o maravilhoso: uma investigação sobre a concepção de realidade e de surrealidade, do literário e do extra-literário no Surrealismo”. Autora do livro “Arthur Bispo do Rosário: a poética do delírio” (Unesp, 2010) e diretora da Casa da Cultura..

Expediente



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

Reitora: *Marta Regina Gimenez Favaro*

Vice-Reitor: *Airton Petris*



Coordenadoria de
Comunicação Social

Coordenação: *Beatriz Silvério Botelho*

Edição: *José de Arimathea*

Diagramação/Editoração: *Moacir Ferri*

UEL - Campus Universitário - C.P. 6001

CEP 86051-990 - - noticia@uel.br

Contato: (43)3371-4361 e (43)3371-4115 - Londrina, PR

O futuro do comércio (e o comércio do futuro)

Universidade e diversos setores se unem para criar

o Centro de Inovação do Comércio de Londrina, um apoio aos empreendedores da cidade

JOSÉ DE ARIMATHÉIA

Préstes a completar 90 anos (no próximo dezembro), Londrina comemora seu sucesso em várias frentes, como a economia. Vale lembrar que, a exemplo de todo o país, a cidade emerge de um período desfavorável – a pandemia. Só para dar alguns exemplos, Londrina foi a líder nacional na abertura de franquias entre 2022 e 2023, segundo levantamento da Associação Brasileira de Franchising. Ao lado dos Serviços, o Comércio ajudou a fechar o ano passado com um saldo positivo de 7 mil empregos.

Os bons índices econômicos do município são acompanhados de outros, correlacionados. Exemplo é a cidade ter sido considerada ativa e sustentável. No ranking da plataforma Bright Cities, é a 1ª do Paraná, 2ª do sul e 9ª em todo o país. Estes e outros marcadores colocaram Londrina entre as 50 maiores economias do Brasil, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2023).

O presente é para comemorar, mas o futuro exige planejamento, trabalho e investimento. Por isso, desde 2021, um grupo de empresas, entidades, instituições de ensino superior e poder público criou uma Governança para avaliar o cenário econômico local, propor iniciativas e estimular a inovação e o desenvolvimento. O Grupo de Trabalho já realizou um levantamento do panorama dos últimos anos e, a partir destes dados, mira as próximas quatro décadas.

Destas ações nasceu o projeto “Estruturação e Implementação do Centro de Inovação do Comércio de Londrina”, coordenado pela professora Marli de Lourdes Verni (Departamento de Administração). Ela comenta que com este levantamento foi possível descobrir “quais as dores do comércio”. Além disso, o Grupo de Trabalho se reúne mensalmente para deliberar suas estratégias. Dele participam UEL, Associação Comercial e Industrial de Londrina, Senac (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial), Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas), Sincoval (Sindicato do Comércio Varejista de Londrina), Codel (Companhia de Desenvolvimento de Londrina), Fecomércio (Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Paraná), entre outras.

Um dos pontos mais positivos do GT e do projeto são seus valores, como



“O comércio de rua não vai morrer”, sentença a professora Marli Verni (Administração)

a cultura da inovação, que não necessariamente é sinônimo de alta tecnologia; e ainda o desenvolvimento de protótipos, serviços, e aspectos como a inovação na forma de atendimento e na própria exposição dos produtos. Já o projeto objetiva promover o processo de inovação pautado na modelagem da chamada “quádrupla hélice”: academia, governo, setor empresarial e sociedade civil organizada.

Entre as dificuldades detectadas pelo projeto, estão questões relativas à gestão financeira, um certo medo ou desconfiança de novas tecnologias (como o pix) e a aposta em novidades muito diferentes do habitual. Também existe a preocupação com a competição com o e-commerce, segurança de lojistas e clientes (o que envolve o poder público) e um problema típico de grandes cidades – vagas de estacionamento. Mesmo os shopping centers falaram de dificuldades, como acesso (distância), necessidade de tecnologia e de experimentar coisas novas, e também a preocupação com a concorrência das lojas virtuais. Na avaliação da professora Marli Verni, parte dos comerciantes londrinenses tem receio de ousar porque é ligada a tradições e antigos hábitos, muitas vezes familiares.

Contudo, a professora Marli é categoricamente enfática ao dizer: “O comércio de rua não vai morrer”. E ilustra com o exemplo da rua Sergipe, tradicional no comércio e protagonista de décadas de história e memória de Londrina. “A rua Sergipe é um laboratório”, sintetiza. Como ela, muitas outras são assim, como a Guaporé (Vila Nova) e a Duque de Caxias (Centro), também foco de pesquisadores da UEL. Isso porque os comerciantes também possuem expectativas, e algumas já estão sendo preenchidas graças a ações do projeto com seus parceiros.

Exemplo é o treinamento para gestores e colaboradores dos estabelecimentos, com apoio do Senac e Sebrae. “Trazemos palestrantes que mostram como experimentar e explorar possibilidades”, comenta a coordenadora.

vai mudar de segmento para atender a todo tipo de comércio e serviços. Assim, por um tempo poderá ser uma perfumaria; depois, uma lanchonete; depois um salão de beleza; e assim por diante.

CENTRO DE INOVAÇÃO

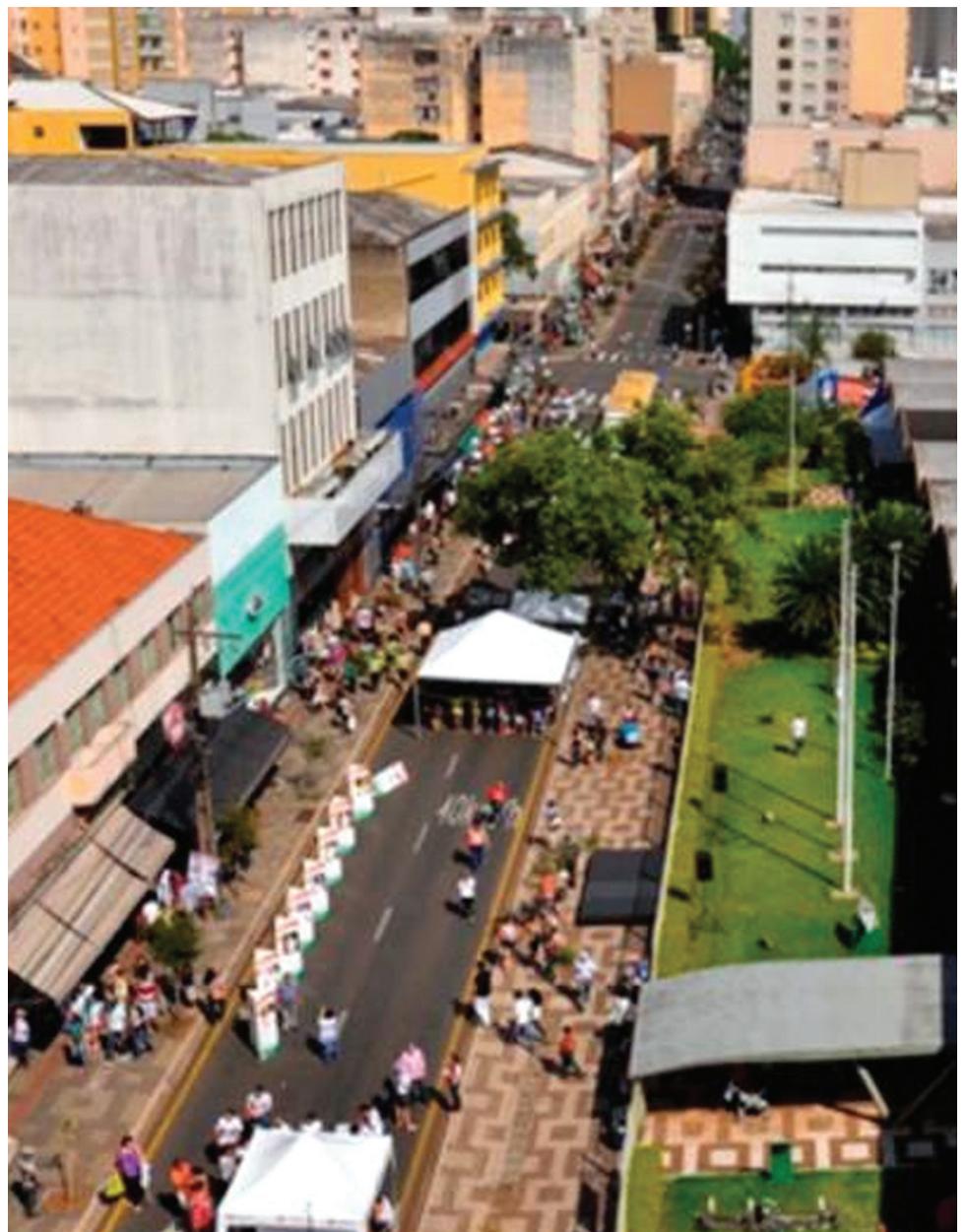
O Centro de Inovação proposto pelo projeto está sendo estruturado no Sincoval (rua Governador Parigot de Souza, 220, próximo à Prefeitura), na Sala Google, um espaço interativo, com estações de trabalho e outros recursos, que propiciará diversas atividades, como reuniões, pesquisas, orientações e treinamentos. Participam estudantes bolsistas e empreendedores. Muitos poderão conhecer o Centro a partir das redes sociais, que estão sendo criadas.

O projeto também deve inaugurar, ainda este semestre, uma “loja-modelo”. Será uma espécie de loja-escola para treinamento, com todos os equipamentos e mobiliário necessários para funcionar como qualquer outra. Detalhe é que, periodicamente, a loja

PESQUISAS

Apesar de toda esta aparência de projeto de extensão, há muita pesquisa e – por consequência – ensino envolvidos, pois também é um campo de estágio para graduandos. A Fecomércio também encomendou uma pesquisa ao projeto. Outras três estão em andamento, uma delas será concluída em maio. Foram ouvidos empreendedores e consumidores, para subsidiar um trabalho futuro direcionado.

O projeto conta atualmente com três docentes, 1 técnico e 7 bolsistas de Iniciação Científica. Na próxima fase, haverá mais 7 bolsistas da Fundação Araucária. A Fundação e a deputada estadual Luísa Canziani, via emenda parlamentar, conseguiram recursos de R\$ 1 milhão de reais para serem aplicados no Centro.



Vista da rua Sergipe

Como é duro trabalhar!

A partir de um duplo foco – histórico e prospectivo – pesquisa analisa transformações no mundo do trabalho e, particularmente, a resistência a ele

JOSÉ DE ARIMATHÉIA

A Psicologia Social é uma especialidade que transita entre a Psicologia e as Ciências Sociais, ao estudar as relações do indivíduo com seu meio social, e a influência deste sobre aquele. É natural, portanto, que se ocupe de um tema social nevrálgico: o trabalho.

O professor Paulo Roberto de Carvalho (Departamento de Psicologia Social e Institucional) coordena, desde 2019, um projeto de pesquisa intitulado “Expressões da resistência ao trabalho”.

Glorificado, prazeroso procurado, mas também às vezes opressor, odiado, fetichizado, será o trabalho, nos moldes como o temos hoje, necessário? Será possível viver – bem – sem trabalhar?

Estas são algumas perguntas que desafiam os pesquisadores. O projeto objetiva avaliar criticamente os vínculos entre o ser humano e o trabalho, a partir de bases teóricas de pensadores do modo de produção capitalista, como os conhecidos Max Weber e Karl Marx, e ainda o filósofo norte-americano Henry David Thureau (1817-1862) e Paul Lafargue (1842-1911), jornalista revolucionário socialista franco-cubano, que defendeu o “direito à preguiça”.

Estas lentes teóricas, porém, voltam-se para o século XXI, quando con-

tingentes significativos da população mundial enfrentam o desemprego ou o subemprego. Faltam empregos formais, mas... são eles a única alternativa? Existe a opção de simplesmente não trabalhar?

O trabalho é valorizado desde a Antiguidade. No Livro de Provérbios (escrito por volta do século X antes de Cristo), o capítulo 22, versículo 29, diz: “Você conhece alguém que faz bem o seu trabalho? Saiba que ele é melhor do que a maioria e merece estar na companhia de reis”. Já na segunda epístola à comunidade da Tessalônica, Paulo de Tarso escreveu: “Quando ainda estávamos com vocês, nós lhe ordenamos isto: se alguém não quiser trabalhar, também não coma”.

Quando a Idade Média já começava a declinar (século XIII), e a burguesia começava a despontar, surgiu entre a população camponesa a ideia de um lugar chamado Cocanha: um país imaginário onde tudo era feito de comida e bebida. Os rios eram de vinho, as casas eram comestíveis, os pratos vinham andando até as pessoas para serem devorados. O trabalho era proibido, e os dias da semana eram só domingos e feriados. Para a população pobre, uma utopia para fugir do trabalho árduo e a falta de perspectiva. Para a burguesia incipiente, um escândalo: coisa de gente vagabunda.

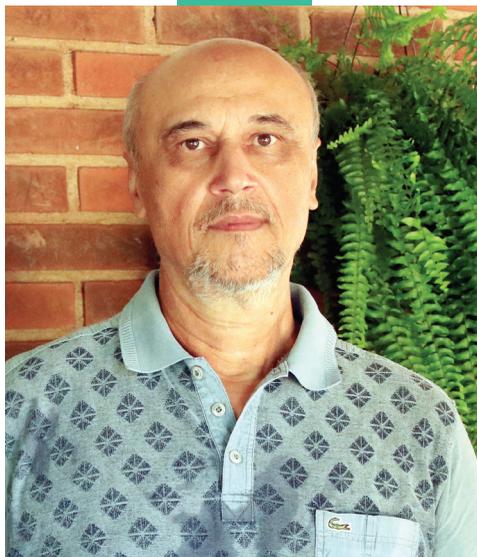
TRABALHO E MORAL

Os séculos foram passando e o trabalho os atravessou como componente fundamental do sucesso, da competência ou da dignidade. Assim como se firmou a ideia da recompensa pelo esforço e pelo mérito. Basta lembrar da fábula da cigarra e da formiga: esta é recompensada pelo seu esforço, enquanto a outra paga um alto preço por não trabalhar. Como se vê, o trabalho se mistura com uma moral.

Os movimentos que tentaram se opor a este modelo ainda pensavam dentro da lógica capitalista, por isso não chegavam a propor mudanças sociais estruturais. A exceção foi o Anarquismo, movimento nascido na segunda metade do século XIX e que chegou ao Brasil com os imigrantes europeus, até o início do século XX. O Anarquismo era contra qualquer tipo de dominação e hierarquia, fosse ela política, econômica, social ou cultural.

Esta tal de lógica capitalista é forte e resistente, e tem sabido voltar as oposições contra elas mesmas. “O Capitalismo se apropria dos movimentos de ruptura e anexa a lógica do lucro a eles”, diz o professor. Assim, o que começa como uma ameaça de ruptura vira modinha, embalável, consumível, e geradora de lucro a quem souber capitalizar

Continua na pág. 5



Professor Paulo Roberto:
“O Capitalismo se apropria dos movimentos de ruptura e anexa a lógica do lucro a eles”





O quadro "Operários" (1933), de Tarsila do Amaral, representa o forte processo de industrialização - e novos modelos de emprego - pelo qual o Brasil passava na Era Vargas, além da presença de imigrantes neste tipo de trabalho

.TRABALHO NÃO; EXPERIÊNCIA!

Assim, atualmente, a ênfase não é mais no trabalho, explica o professor Paulo. Tampouco na acumulação de bens. Para gerações mais novas, o que vale é a "experiência". Assim, sua "ocupação remunerada" (designações novas são muito apreciadas) precisa ser prazerosa, sem frustrações ou sacrifícios. Por isso muitas atividades desejadas hoje são estéticas, como música e artes plásticas.

O dinheiro não é mais para comprar um automóvel ou a antes sonhada "casa própria" de outras gerações. O transporte é de aplicativo e para morar um flat ou studio está ótimo. O dinheiro é para comprar o ingresso do show, a passagem para o local onde se fará trilhas, levar até a praia que está "bombando", à festa que vai reunir todo mundo.

O que importa é o presente. Porém, o professor faz um alerta: esta exagerada presentificação gera um efeito perigoso - a falta de um projeto de vida, que fica desfocada.

A ideia de "experiência" é fácil de verificar em outros aspectos da vida social, como o turismo. Pelo discurso publicitário, não trata mais de almoçar ou jantar num restaurante, mas de ter uma "experiência gastronômica". Igualmente, os hotéis não oferecem mais "hospedagem", mas "experiências" em seus espaços.

Num mundo assim, quem quer suar

do próprio rosto para conseguir seu sustento? Daí a resistência ao trabalho.

RESISTÊNCIAS PELO MUNDO

De acordo com o professor Paulo Roberto, há resistências no mundo todo. Em alguns países, os jovens planejam trabalhar só até determinada idade. Em outros, trabalham só o suficiente para receber alguns meses de seguro-desemprego, num ciclo sem fim.

A resistência chegou a gerar movimentos como o "antiwork", totalmente contra a ideia de "vestir a camisa" (muito difundida nos anos 90) e de ser workaholic, porque nada disso é, no fundo, valorizado pelo empregador. Surgido antes da pandemia, fortaleceu-se durante o período de quarentena, que não favoreceu aqueles que desenvolvem trabalhos braçais e, portanto, presenciais.

Outro movimento, conta o professor Paulo, é o *quiet quitting*, uma espécie de "abandono silencioso" que prega que o empregad... ops, colaborador faça tão-somente o mínimo necessário que lhe é atribuído. Novamente o período pandêmico contribuiu: com a perda de parentes e amigos, muitos se indagaram por que se dedicar tanto ao trabalho ao invés de passar mais tempo com a família.

Do outro lado do mundo, a China se desenvolveu rapidamente, mas este esforço não passou incólume nem foi

a baixo custo. Lá, muitos empresários adotaram a política das 996 horas: exigiam uma jornada de trabalho das 9h às 21h, 6 dias por semana, ou seja, 72 horas por semana. Houve protestos em 2019 e, em 2021, o Tribunal Popular declarou o sistema ilegal. Ainda assim, em abril daquele ano, surgiu o movimento Tang Ping (em português: "ficar deitado"). Mais radical ainda é o "bai lan" ("deixar apodrecer"): movimento de jovens que preferem desistir de tudo por terem perdido a esperança, assim como o propósito de viver. Pois se é assim, para que qualquer sacrifício? Estes jovens ficam em casa sem fazer nada.

No Brasil, foi cunhado o termo "geração nem nem" para designar aqueles nascidos aproximadamente entre os anos 2000 e 2005, que hoje não querem nem estudar, nem trabalhar. Vivendo confortavelmente na casa dos pais, com Internet à disposição e sem a necessidade de pagar contas, eles também se opõem à ideia de trabalhar. Pra quê?

ALTERNATIVAS?

O projeto continua mapeando as possíveis "linhas de fuga", ou tentativas de resistência ao trabalho e ruptura com o modelo vigente. Se nos anos 60 houve o movimento hippie, nos dias atuais surgiu o de "Simplicidade Voluntária", um estilo de vida com menos telas e mais Natureza; relações humanas mais profundas e uma espécie de

minimalismo material.

Mas enfim, haveria modos de vida alternativos? Para Paulo Roberto, é bom lembrar que a tecnologia reduz o trabalho humano. Em alguns países, isso levou à redução da jornada semanal de trabalho. O Brasil nem cogita discutir isso. Pelo contrário: aqui, os dubladores profissionais iniciaram um movimento para defender seu trabalho, ameaçado pela Inteligência Artificial.

Em todo caso, o professor diz que o modelo hegemônico de relações de trabalho não precisa ser o único. Nem deve, pois o ser humano não pode ser definido pelo trabalho. Ele é muito mais que isso, afirma. O ideal é transformar a sociedade, de modo que as pessoas possam realizar outras atividades que não as laborais, reapropriando-se de suas vidas.

FUTURO DO PROJETO

O professor Paulo Roberto está em processo de aposentadoria e deve ser substituído, na coordenação do projeto, pela professora Sonia Regina Vargas Mansano, do mesmo Departamento, já participante das pesquisas.

Até aqui, o projeto já contou com a participação de estudantes de graduação e pós-graduação, gerou publicações (capítulos de livros) e apresentações em eventos científicos, inclusive de nível internacional. Também produziu uma dissertação sobre "vagabundagem".

“Sob a proteção de Deus”

Pesquisadores imergem no fenômeno religioso das primeiras décadas de Londrina e revelam que esta dimensão social fazia parte do projeto de colonização

JOSÉ DE ARIMATHÉIA

O professor Wander de Lara Proença (Departamento de História), coordenador do projeto de pesquisa “O fenômeno religioso em Londrina: História e Historiografia (1930-1950)”, disparou logo de início: “Londrina é uma das oito cidades mais evangélicas do Brasil”.

Para entender como se chegou até aqui, é preciso voltar quase quatro anos, quando uma demanda de sala de aula e a presença de lacunas na produção historiográfica da área incitou a criação do projeto, que objetiva fazer um grande mapeamento do fenômeno no referido período de tempo. “Só existem trabalhos mais pontuais”, observa Wander.

Esta, porém, é apenas a primeira fase do projeto, que vai até abril de 2025. Numa segunda fase, os pesquisadores se debruçarão sobre as décadas posteriores, até o ano 2000. E numa terceira fase, o século XXI.

As primeiras décadas representam um desafio à medida que o acesso a fontes documentais é mais difícil, porque não são tantas e, às vezes, estão em posse de famílias, que apenas guardam o material sem atribuir tanta importância histórica para a cidade.

A pesquisa, porém, retrocede até antes da chegada dos primeiros colonos, afinal, o norte do Paraná já era habitado antes deles. Os caingangues, por exemplo,

não registravam nada por escrito, mas já possuíam uma rica cultura e memória, com seus ritos, costumes, festas e relação com a morte. Era uma religiosidade expressa em seu cotidiano, explica Wander. “O primeiro desafio é dar visibilidade a esta cultura”, acrescenta. Nisso, ele conta com a valiosa ajuda de indígenas que estudam na UEL. O projeto tem feito entrevistas e coletado depoimentos em áudio. Seguramente, a religiosidade indígena fará parte do livro que o projeto pretende lançar até o final da primeira fase.

Em parte, os indígenas têm sido esquecidos por causa do imaginário construído em torno de Londrina – uma espécie de Terra Prometida, Nova Canaã, um El Dorado. “Uma terra promissora para gente ordeira e religiosa, cristã”, define o professor Wander. Londrina era idealizada como uma “Cidade Jardim”, planejada para menos de 30 mil habitantes, todos muito devotos.

O desenvolvimento da cidade fez o aeroporto de Londrina, em certa época, ser o terceiro mais movimentado do país, atrás apenas do Rio de Janeiro e São Paulo. Entretanto, não apenas grandes investidores ou famílias abastadas foram atraídas para a cidade. Começaram a chegar pessoas chamadas na época de “indevidas”, que se estabeleceram em vários pontos da cidade incipiente, como por exemplo abaixo da linha do trem, uma linha divisória material e moral, para o imaginário de então.



Professor Wander: “Londrina é um caso sui generis: ela nasceu protestante, com tolerância, parcerias, ações sociais e olhar para o futuro”

PRESBITERIANOS, OS PRIMEIROS

Em 1932, quando Londrina tinha apenas 12 casas, chegava a primeira família protestante, vindos de São Paulo. Primeiro veio o marido/pai, e depois a esposa e os três filhos. Eram da Igreja Presbiteriana Independente, e onde ficava sua residência hoje está o templo. A família abriu sua casa para todos praticarem sua religiosidade. E logo Londrina recebia as visitas do Reverendo Jonas Dias Martins, um pastor também de São Paulo. Na década de 40 ele se mudou de vez para a cidade.

Os primeiros metodistas e batistas chegaram em 1934. Seus templos ficam, respectivamente, em frente ao Bosque e na Avenida Paraná, no prolongamento do Calçadão. De fato, todas as igrejas históricas ficam no Centro Histórico de Londrina, com exceção da Anglicana, que se estabeleceu numa chácara da época, mas a poucos minutos do centro, de carro, hoje em dia. A Igreja Católica chegou em 1934, com a vinda de um bispo de Jacarezinho, no Norte Pioneiro (155km de Londrina). Em 1935, chegaram as irmãs do Mo-

vimento de Schöenstatt, criado duas décadas antes na Alemanha. Finalmente, em 1941, chegou a primeira igreja pentecostal, a Assembleia de Deus – a maior pentecostal do Brasil.

Uma característica interessante destacada pelo professor Wander é o trabalho social realizado pelas primeiras igrejas no período, como atendimento aos doentes e acolhimento das famílias que chegavam a Londrina. Tudo era feito em conjunto, naturalmente. Quando os pastores vieram, porém, os fiéis das diferentes denominações se separaram. Esta atitude solidária, contudo, era um aspecto do imaginário cristão das famílias incentivado pela Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), responsável pelo projeto de ocupação e colonização da região. A empresa inglesa tinha anglicanos e batistas.

Enfim, como ressalta Wander, “Londrina é um caso sui generis: ela nasceu protestante, com tolerância, parcerias, ações sociais e olhar para o futuro”.

Continua na pág. 7



Templo da Igreja Presbiteriana Independente fica no local onde se estabeleceu a primeira família desta denominação, no centro de Londrina

FÉ, EDUCAÇÃO E SAÚDE

Outra característica das igrejas que vieram para Londrina no início de sua história foi o investimento na educação e saúde, no contexto da prática cristã. Na década de 30 do século passado, a grande maioria dos brasileiros era analfabeta. O pastor presbiteriano Zaqueu de Melo chegou em Londrina em 1945 e no mesmo ano fundou o Instituto Evangélico Secundário, hoje Colégio Londrinense. E em 1971, deu os passos para a criação do futuro Centro de Estudos Superiores de Londrina (Cesulon), hoje Unifil (Universidade Filadélfia).

Segundo o professor Wander, Zaqueu de Melo também foi político, eleito deputado, e soube articular a sociedade e a classe em favor da educação na cidade. “O Protestantismo em Londrina abriu escolas”, sintetiza. O pesquisador relata que o pastor trouxe de Minas Gerais, sua terra de origem, um modelo já consolidado de educação. E mais: ele colaborou também na criação da primeira faculdade que mais tarde ajudaria a compor a UEL.

A Igreja Católica também contribuiu: as freiras de Schönstatt fundaram o Colégio Mãe de Deus em 1936, também em frente ao Bosque. Elas também cuidam, até hoje, da Santa Casa de Londrina, o primeiro hospital da cidade, na área central, e inaugurado em 1941. E não nos esqueçamos de Zaqueu de Melo, que ajudou na implantação do Hospital Evangélico de Londrina.

TENSÕES

Mas não era a Nova Canaã. Ocorreram tensões. O professor conta um episódio, de 1941, em que houve uma queima de Bíblias em praça pública, em Cambé. Protestantes tinham o hábito de distribuir Bíblias gratuitamente à população, e um grupo de freis capuchinhos não



O Campus da UEL tem uma réplica da primeira Igreja Matriz de Londrina, inaugurada em 1934

gostou nada disso. Na época, antes do Concílio Vaticano II (1962-1965), os católicos não tinham o hábito de lê-las. Estava em vigor a missa tridentina, em latim. Em resposta, os protestantes passaram a usar os alto-falantes das praças, muito comuns para avisos gerais, para ler a Bíblia.

Também na década de 40, as manifestações de religiões de matriz africana – vindas de Minas Gerais e São Paulo – tinham que ser muito discretas, e os cultos ocorriam em chácaras, onde hoje ficam o Jardim Tokyo (zona oeste) e Vila Fraternidade (zona leste). Ainda assim, explica Wander, há “vestígios” (em fontes documentais) do incômodo causado por elas na população cristã.

Primeiro, algo mais indireto, como

recomendações de médicos para que os pacientes não recorram aos remédios de ervas, aos benzimentos e outras práticas ligadas àquelas religiões. Depois, vieram recomendações mais expressas de evitar qualquer contato. Logo, o delegado local começou a desestimular tais práticas religiosas. Ao mesmo tempo, o jornal Paraná Norte continuava a defender o ideário da “Cidade Jardim”. Finalmente, as tensões chegaram à política e poder público: vários projetos de lei foram propostos na Câmara Municipal, que aprovou um Código de Posturas. Entre outras coisas, legislava sobre comportamentos noturnos, presença de “mulheres da vida” nas ruas e garantia às famílias que poderiam andar pela cidade, ir à igreja, etc., sem topar com “pessoas indevidas”. “Foi feita uma demarcação simbólica, uma territorialização, assinalando locais lícitos e ilícitos, ou perigosos”, descreve Wander.

Toda territorialização cria margens, e não foi diferente em Londrina. Só que mesmo lá existe religiosidade. O pesquisador lembra de uma matéria na Folha de Londrina, que noticiou um incêndio em uma casa “suspeita” na Vila Matos (região onde hoje fica o Terminal Rodoviário). O fogo começou, porém, com uma vela acesa para uma santa.

PERCURSOS

O projeto conta atualmente com três professores do Departamento de História (incluindo o coordenador). Os outros são José Rodolfo Vieira (especialista em Islamismo) e Richard Gonçalves André, que divide a titularidade do projeto. Há ainda sete estudantes, entre graduandos (inclusive de Iniciação Científica, com bolsa da Fundação Araucária), pós-graduandos de História da Religião e das Religiões da UEL, e dois mestrandos da Faculdade Teológica Sul-Americana de Londrina, protestante não-denominacional.

Os pesquisadores têm avançado no estudo das fontes, analisadas em duplas, e que são basicamente de quatro categorias: produções acadêmicas de História e Ciências Sociais; produções memorialistas (livros e material jornalístico, entre outros); produções das igrejas; e não escritas. Tudo isto deve compor um amplo banco de dados que será disponibilizado a qualquer pesquisador, através do Núcleo de Pesquisa e Documentação História da UEL (NDPH).

Paralelamente, o projeto tem disseminado resultados em eventos científicos, em Londrina e outras regiões, com comunicações e publicações nos Anais, o que deve continuar sendo feito até a publicação dos três volumes do livro, produto final das pesquisas.



A Paróquia São Lucas, da Igreja Anglicana, começou numa chácara e permanece no mesmo local, a poucos minutos do centro

O difícil processo de restauração das matas

Pesquisa inserida no PELD (Programa de Pesquisas Ecológicas de Longa Duração) revela padrões de ausência de espécies lenhosas em áreas de restauração e confirma que esta é um processo lento e complexo, que pode durar gerações

JOSÉ DE ARIMATHÉIA

De desenhos animados a campanhas escolares do Ensino Fundamental, um pensamento ecológico é recorrente: deixar a Natureza se recuperar sozinha pode ser a melhor forma de restaurá-la. Não é bem assim: às vezes, é preciso que o ser humano (usualmente o maior destruidor) colabore. Isso se chama “regeneração natural com manejo”. É o que explica o professor José Marcelo Domingues Torezan (Departamento de Biologia Animal e Vegetal), coordenador do PELD (Programa de Pesquisas Ecológicas de Longa Duração) e líder do Laboratório de Biodiversidade e Restauração de Ecossistemas (LABRE-UEL). Atualmente, ele orienta quatro pesquisadores.

“Restauração não é um lego”, ilustra ele, brincando. Ou seja, não basta encaixar as peças para obter o resultado idealizado e pronto. Plantar árvores em áreas degradadas, por exemplo, é apenas uma das muitas técnicas conhecidas. São necessárias inúmeras ações, realizadas em etapas que não podem ser puladas ou abreviadas, e um monitoramento periódico.

Esta ideia é preliminar para entender o estudo desenvolvido pela bióloga Jéssica Oliveira Araujo, que defendeu sua dissertação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ciências Biológicas da UEL em fevereiro, na qual pesquisou e comprovou padrões de ausência de espécies lenhosas em áreas de restauração no norte do Paraná, onde atua o PELD local. Orientada pelo professor José Marcelo, Jéssica já foi aprovada no Doutorado do Programa.

A região do estudo abrange vários municípios e áreas (às vezes apenas pequenos bolsões) de Mata Atlântica, o bioma mais ameaçado de extinção em

todo o globo. Em 1500, a Mata Atlântica cobria aproximadamente 15% de todo o território brasileiro (de hoje). Os estados do Paraná, Rio de Janeiro e Espírito Santo eram totalmente cobertos de Mata Atlântica, dentro de uma faixa que unia os dois Rios Grandes. Atualmente, há regiões em que ela simplesmente desapareceu. Em outras, restam meros 10% no máximo. De acordo com o professor José Marcelo, só entre 1934 e 1954, 90% da Mata Atlântica foi devastada no Paraná – tempos em que era pioneirismo tirar uma foto em cima de uma peroba rosa derrubada.

Com esta fragmentação, as florestas remanescentes guardam diferentes composições estruturais e de flora e fauna, tornando cada uma única. É um dos aspectos de destaque da pesquisa de Jéssica – não há estudos similares anteriores, porque cada região de Mata Atlântica é único. Pode-se citar, por exemplo, uma dissertação sobre regeneração natural em fragmento florestal na Mata de Miritiba (próxima de Recife), da Universidade Federal Rural de Pernambuco, de 2017. É Mata Atlântica, mas com outras características.



“Só entre 1934 e 1954, 90% da Mata Atlântica foi devastada no Paraná”, diz o professor José Marcelo Torezan

FLORESTA ESTACIONAL SEMIDECIDUAL

O estudo recém-defendido na UEL abrange o que se chama de “floresta estacional semidecidual” (FES), ou seja, uma mata situada em uma região que alterna períodos de maior umidade (chuvas) e estiagem, assim como temperaturas altas e baixas, o que reflete na perda de 50% ou mais de folhas de árvores no tempo mais seco.

São áreas cujas bordas, em contato com a atividade agrícola, costumam provocar a perda de espécies e alterações no microclima. A pesquisa objetivou, assim, avaliar a ocorrência de espécies lenhosas (que produzem tronco lenhoso, ou madeira) em sítios de restauração, comparando-a com a flora regional e listas oficiais de espécies ameaçadas de extinção, produzindo assim uma “lista de ausentes” com padrões definidos. O estudo observou cerca de 80 espécies em áreas reflorestadas dentro de propriedades rurais. Os produtores, segundo o professor José Marcelo, foram muito receptivos e ajudaram bastante, franqueando o acesso dos pesquisadores do PELD em suas terras.

Logicamente, existe uma série de lacunas no conhecimento do local. Não há como saber, por exemplo, como era qualquer área um século atrás; ou um milênio. Por isso o trabalho de restauração é em parceria com a Natureza. Em última instância, é ela que “decide” o que prosperará ali. Em termos mais científicos, José Marcelo explica que é um trabalho contínuo, mas dividido em etapas que não podem ser atalhadas ou suprimidas, paralelamente a um periódico monitoramento para descobrir quais espécies suportam ou não o ambiente, levando em conta vários fatores, como insolação/sombreamento, nível de umidade e variação de temperatura.

Para se ter uma ideia, Jéssica trabalhou com dados coletados até 13 anos atrás, mas também com outros mais recentes, de 2017. Claro, a pandemia impediu visitas por dois anos. Os padrões que ela buscou se referem, por exemplo, à tolerância da espécie à sombra; à densidade da madeira; à síndrome de dispersão, isto é, processos que ajudam a espalhar sementes e frutos em relação à planta-mãe: vento e animais são exemplos de agentes dispersores. Outra categoria diz respeito ao estrato em que a espécie se situa, ou seja, se ela está num bosque, sob um dossel (cobertura de árvores mais altas), ou se é emergente (cresce acima do dossel).



“A ação humana é positiva, mas o ser humano jamais conseguirá, sozinho, recuperar uma floresta”, afirma a pesquisadora Jéssica Araujo

“CONSTRUA, E ELES VIRÃO”

Adicionalmente, a pesquisadora testou a chamada “Hipótese do Campo dos Sonhos”, baseada no filme de 1989 estrelado por Kevin Costner. Na trama, o personagem constrói um campo de golfe num milharal, motivado por histórias de antigos jogadores. “Se você construir, eles virão” é a frase que dá origem à Hipótese. O campo é construído e os antigos ídolos vêm do além-vida para jogar.

Na pesquisa, tratou-se de “dar um pontapé” com o plantio de espécies selecionadas e verificar se outras espécies viriam, vieram, ou não. Jéssica explica que o tempo do estudo é relativamente curto, mas em certas áreas chegaram quatro espécies, e em outras, 14, às vezes similares, às vezes distintas das categorias preestabelecidas, definindo aí os tais padrões de ausência. A contribuição de animais como dispersores foi comprovada e o crescimento das árvores mostrou-se mais lento, mas quando o tronco era mais mole, o crescimento era mais acentuado. Uma das conclusões, portanto, é que o “pontapé” é positivo, mas o ser humano jamais conseguirá, sozinho, recuperar uma floresta.

José Marcelo concorda: “Só plantar não é restaurar. O desafio é muito maior”. A extinção é uma ameaça real e presente. Há espécies, segundo os pesquisadores, que não conseguem retornar à área em restauração. Algumas, “trancadas” (isoladas) nos bolsões de Mata, não têm agentes dispersores para levá-las a outras áreas, o que pode ser outro fator da referida “ausência”. É aí que a tecnologia pode ajudar, observa o professor. Como ele diz, “o principal insumo da ecologia é gente”.

DESMATAMENTO DA MATA ATLÂNTICA

